

Minha passagem pela Biblioteca Nacional teve grande importância para mim. Sobretudo porque eu gostava do meu trabalho. Eu via livros, incunábulos, gravuras que me despertavam atenção. Não podia errar, porque um erro significaria a perda irremediável de um livro de valor. É raro. Isto tudo influenciou-me no sentido de fazer uma obra bem feita. Quando termino um trabalho, poderão dizer que é um mau quadro, mas dirão ao mesmo tempo que é um quadro bem realizado em termos artesanais. O artesanato é para mim, hoje, algo consciente, convenci-me que há um ponto em que ele é criação. Quando troco uma técnica por outra, é porque cheguei a um perfeito domínio e devo substituí-lo sob pena de estagnar-me. Artesanato, portanto, é o sentido daquilo que é bem feito. É, em última análise, percepção da forma. Mesmo quando usei manchas, não me considerava um informal. As manchas participavam de um esquema, revelavam uma intenção construtiva. Os quadros dessa época tinham um ritmo, consistência, coesão. Eram uma estrutura. Faço um construtivismo segundo uma lógica minha, com espaços numéricos que resultam de uma ordem pessoal. A surpresa deve existir na obra de arte.